

Uma abordagem construcionista da Morfologia Derivacional: o caso da Construção Superlativa Prefixal

Anna Carolina Ferreira Carrara (UFJF) | Neusa Salim Miranda (UFJF)

Resumo

Este trabalho insere-se no macroprojeto 'Construções Superlativas Morfológicas do Português' (Miranda, 2011), que recorta seus objetos no campo específico da morfologia derivacional e busca descrever os usos emergentes e convencionalizados de construções com afixos que operam como marcadores de grau. Neste artigo, o objetivo consiste em descrever o polo formal da Construção Superlativa Prefixal (Carrara, 2015) formada pelos prefixos (*super-*, *maxi-*, *ultra-*, *hyper-*, *mega-*, *mini-*, *micro-*). Para tanto, lançou-se mão dos pressupostos teóricos da Gramática das Construções Cognitiva (Goldberg, 1995, 2006) enquanto um Modelo Baseado no Uso (Bybee, 1985, 2006, 2008, 2010; Langacker, 1987) e do Constructicon (Fillmore et al. 2012).

1. Introdução

“Sempre surge aquela dúvida né...pensando nisso achei um vídeo mega legal de como fazer os famosos olhos de gatinha, confirmam! Eu mega amei e vocês?”¹

Enunciados como esse, que parecem exprimir a necessidade constante que têm os falantes de exagerar, enaltecer e engrandecer tudo que os cerca, colocam-nos diante do chamado *regime hiperbólico* (Lipovetsky, 2004). Para o filósofo francês, tal regime expressa o excesso como uma exigência ou urgência da vida contemporânea. As mais diversas esferas da sociedade estão submetidas a um ritmo acelerado e hiperbólico: a circulação de capital, o consumo, os mercados gigantescos, os shoppings, a tecnologia, a televisão e seus espetáculos, as grandes cidades, o turismo. São os hipermercados, o hiperterrorismo, as hiperpotências, o hipertexto, as hiperclasses, enfim, o hipercapitalismo. E isto não se limita ao comportamento coletivo; ao contrário, os indivíduos também foram capturados pelos extremos: as bulimias, o doping, os esportes radicais, os assassinatos em série, as compulsões.

Os questionamentos de Lipovetsky (2004) com relação à chamada *hipermodernidade* serviram como gatilho para uma questão que mobiliza este trabalho: qual seria o reflexo desta modernidade superlativa em nosso modo de dizer? Em termos mais específicos, tal polarização das práticas e valores sociais estariam trazendo uma correlata expansão de usos e/ou implicando novos padrões e sentidos? Estaríamos, assim, caminhando em uma via de mão dupla: a hipermodernidade, conforme descrita por Lipovetsky (2004), justificaria os usos (expandidos e/ou novos) de construções hiperbólicas pelos

¹ Exemplo extraído do corpus específico montado para a pesquisa – usando a ferramenta Web Concordancer Beta.

falantes e esses usos constantes só fariam exprimir as características da sociedade em que esses mesmos falantes vivem. De fato, é assim que construções – da gramática e do léxico – se configuram: emergem do uso e, reiteradas, se convencionalizam em um sistema linguístico para, depois, ante novos usos, voltarem a ser chama, se renovando e se expandindo.

A apresentação da Construção Superlativa Prefixal empreendida de modo conciso neste trabalho é um recorte da pesquisa empreendida por Carrara (2015)² – em nível de doutoramento – dentro do macrojeto ‘Construções Superlativas Morfológicas do Português’ (Miranda, 2011), que recorta seus objetos no campo específico da morfologia derivacional, buscando descrever os usos emergentes e convencionalizados de construções com afixos que operam como marcadores de grau (eg. gravidíssima, solteiríssima, casadíssima, cervejada, mulherada, hiperinflação, mega irritante, hiper gostei, dentre outros).

A descrição de construções morfológicas ressalta a relevância de uma busca de sustentação empírica para o empreendimento teórico da Gramática das Construções no campo da Morfologia, visto que a dissidência da Linguística Cognitiva em relação ao cognitivismo chomskiano – o que resultou na adoção da sintaxe como objeto majoritário – e a escassez de fenômenos morfológicos na língua inglesa subfocalizaram esse campo como fonte de construções a serem investigadas.

No que se refere às Construções Superlativas Prefixais, não é novidade para os falantes de Língua Portuguesa o uso de prefixos como operadores de escala superlativa, em que atuam como uma marca morfológica de grau em adjetivos e substantivos (eg. superbonita, megadifícil, minissaia, dentre outros). No entanto, é relativamente escassa a pesquisa em torno de tais formações. Dentro da Tradição Gramatical, prefixos usados na formação de superlativo são listados (super-, ultra-, hiper-, extra-, archi-) e alguns gramáticos reconhecem a maior força significativa dos prefixos em relação aos sufixos, uma vez que podem aparecer como formas livres e não servem, como os sufixos, para determinar uma nova categoria gramatical. Já nos manuais de morfologia, dentre os quais destacam-se as considerações de Basílio (2007), o prefixo super- ganha destaque para marcar intensidade indicando atributos especialmente positivos. Dentro da tradição linguística formalista, por sua vez, a análise recai nas unidades mórficas que se somam formando regras, atribuindo-se ao todo o resultado decorrente da soma linear de cada parte que o integra.

A pesquisa empírica de tais formações, sustentada por uma base de dados relevante, capaz de autorizar possíveis generalizações sobre padrões formais e semânticos-pragmáticos a partir de exemplares reiterados pelo uso – nos termos da Gramática das

² Tese com título provisório: “A Construção Superlativa Prefixal – uma abordagem construcionista da morfologia derivacional.”

Construções – ainda é um caminho pouco explorado, não só dentro da Morfologia Derivacional como na Morfologia em geral.

O propósito da pesquisa empreendida é, a partir do conjunto de exemplares encontrados no corpus, desvelar especificidades em termos da forma, dos sentidos e usos de formações prefixais com sentidos superlativos, tratando-as como construções. Esse enquadre implica romper com uma visão linear de sentidos que se somam, em favor de uma visão holística da significação, em que o significado construcional resulta da integração das partes que o compõem, ou seja, em que o sentido lexical e construcional se combinam (Goldberg, 1995, 2006). Desse modo, estão em foco tanto as Construções Superlativas Prefixais mais convencionais (construções com base nominal), como suas formas renovadas e em expansão e ainda não recobertas por estudos da Tradição Gramatical e Linguística (Construção Superlativa Prefixal Nominal – CSPN), além da descrição de outros elos menos convencionalizados da construção em que os prefixos são usados como formas livres – Construção Superlativa Prefixal Livre (CSPL) (Ele é *super*, *hiper*, sei lá mais o quê... O cara é foda. Nando Reis. Quero chamar ele pra tocar uma música com a gente); e associados a verbos – Construção Superlativa Prefixal Verbal (CSPV) (Ah, ficou linda Marina! Gente que dica bafo...adorei o vídeo, chorei de rir e *mega quis* testar em casa...). Neste artigo, é o *polo formal da Construção Superlativa Prefixal que será abordado* (seção 4)³.

Para o desenvolvimento deste trabalho, usamos os pressupostos teóricos da Gramática das Construções Cognitiva nos termos de Goldberg (1995, 2006) e do Constructicon (Fillmore et al. 2012) apresentados brevemente na seção 2. A escolha metodológica deste estudo recai no uso de corpora naturais, assim, a partir de uma abordagem probabilística da linguagem, operamos com a frequência de tipos/*types* e de ocorrências/*tokens*, indo ao encontro da máxima dos Modelos Baseados no Uso (Bybee, 1985, 2006, 2008, 2010; Langacker, 1987). A metodologia adotada nesta pesquisa será, pois, descrita na seção 3.

2. A abordagem construcionista da gramática

Goldberg (2006) define *construção* da seguinte forma:

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente preditível a partir das partes

³ A Gramática das Construções Cognitiva determina a indissociabilidade entre os polos da construção (formal e semântico-pragmático). No entanto, por questões metodológicas e diante do espaço destinado a este artigo, faz-se necessário essa separação.

que o compõem ou a partir de outras construções reconhecidamente existentes. *Além disso, padrões são armazenados como construções, mesmo os totalmente predictíveis, desde que ocorram de forma suficientemente frequente* [grifo nosso]. (Goldberg, 2006, p. 5)

Esta definição de Goldberg informa, por um lado, a visão gústáltica da construção, seu caráter fracamente composicional, não “estritamente predictível” - o todo é maior que a soma das partes que o integram (Hipótese Fraca da Composicionalidade) (Goldberg, 1995, 2006) – um relevante ponto de dissidência entre a abordagem construcionista e outras gramáticas de viés formalista no trato dos processos de integração conceptual. Por outro, o conceito de construção aos pareamentos de forma e sentido totalmente analisáveis composicionalmente, desde que sejam frequentes na língua e estejam armazenados como construções no repertório dos falantes.

Quanto à arquitetura de uma construção, envolvendo a fusão entre uma forma particular e um significado específico, pode-se apresentar a seguinte configuração:

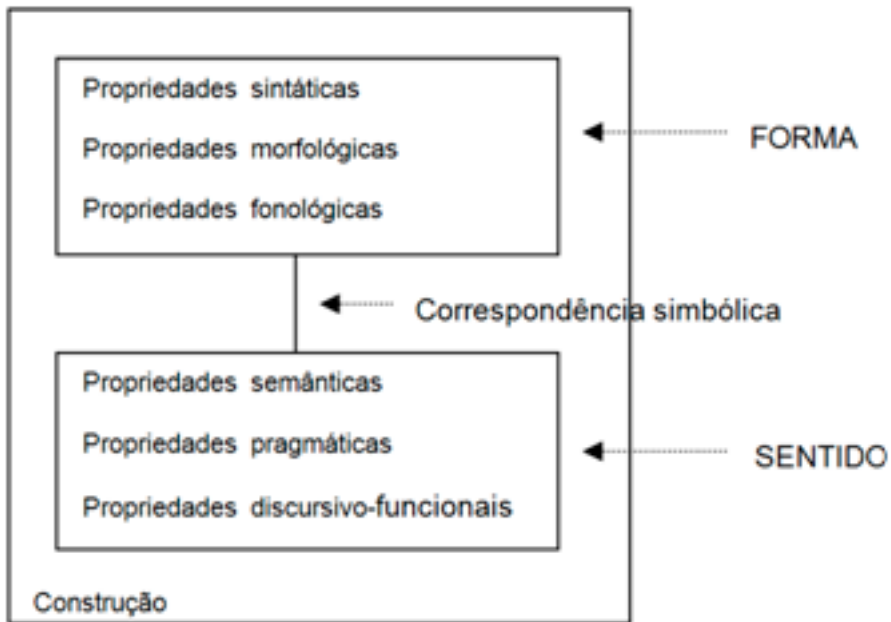


Figura 1: A estrutura simbólica da construção (Croft e Cruse, 2004, p. 258)

Como ilustra a Figura 1, a *forma* de uma construção pode estar associada a diferentes tipos de informações linguísticas relevantes (sintática, morfológica e fonológica) e relacionada ao seu *polo de significação* via correspondência simbólica, o que é nomeado como *fusão* no modelo goldbergiano (1995, 2006). O polo do sentido, por sua vez,

inclui todos os aspectos conceituais, semânticos convencionalizados associados com a função da construção, assim como o contexto pragmático e discursivo característico.

Um ponto fundamental definidor da Gramática das Construções Cognitiva (GRCC) é a postulação da construção como a *unidade básica da gramática*. Nesse sentido, construções, enquanto pares de forma e modos de significação semântico-pragmática, *incluem unidades de todos os níveis*: morfemas ou palavras, expressões idiomáticas, padrões sintáticos mais abstratos ou genéricos, padrões parcialmente ou totalmente preenchidos lexicalmente, como ilustrado na tabela a seguir:

Tipo de Construção	Forma e/ou Exemplo
Morfemas	- eiro torradeira, jardineiro - ista petista, surfista
Palavras	Monstro, gigante, casa, para
Palavras complexas	cesta básica, guarda-roupa
Idiomas (totalmente preenchidos)	Comer o pão que o diabo amassou; Fazer tempestade em copo d'água
Idiomas (parcialmente preenchidos)	Forma: Não X nem que Y Exemplo: Não pago a dívida nem que me prendam.
Construção de Transferência de Posse	Forma: X causa Y ter Z Exemplo: João deu o ingresso para o filho.
Construção Superlativa Causal Nominal	Forma: XN (W)ADJ de YV Exemplo: Seu pai piorou as coisas ao lhe arrumar <i>uma mulher feia de doer.</i>

Tabela 1: Exemplos de Construções do Português

Temos, assim, uma rica gama de construções que diferem em tamanho, complexidade e sentido. Contudo, ainda que a teoria construcionista se proponha a abordar todas as construções de uma língua, em todos os níveis, é no campo da sintaxe que a GRCC – e os demais modelos – tem seus avanços fundamentais. O grande destaque do trabalho de Goldberg (1995) está exatamente no tratamento que confere às chamadas *Construções de Estrutura Argumental* (CEA), definidas como “uma subclasse especial de construções que fornecem os sentidos básicos de expressões clausais numa língua” (Goldberg, 1995, p. 3). De fato, o argumento de Goldberg (1995, 2006) é que essas Construções de Estrutura Argumental são designadoras de cenas humanas relevantes, ou seja, são sentenças que codificam, como sentidos centrais, eventos básicos para a experiência humana (alguém causando o movimento de algo, alguém se movendo, alguém transferindo algo para outra pessoa, entre outros).

2.1. Um modelo baseado no uso

Um modelo de representação gramatical baseado no uso é um modelo em que *o uso da linguagem determina as representações gramaticais*. A gramática de uma língua é,

portanto, diretamente baseada na experiência linguística e, para Bybee (2010, p. 10), a linguagem da criança, os experimentos psicolinguísticos, as intuições dos falantes, os corpora linguísticos e as mudanças linguísticas são fontes viáveis de evidências sobre o impacto do uso nas representações cognitivas da linguagem.

Quando, então, a noção de construções, nos termos de Goldberg é combinada com o Modelo Baseado no Uso (Bybee, 1985, 2006, 2008, 2010; Langacker, 1987), o resultado é uma teoria que propõe que estruturas gramaticais são construídas através da experiência, com exemplos específicos de construções, as quais são categorizadas na memória por um processo de mapeamento que faz correspondências entre sequências semelhantes e diferentes. As representações cognitivas resultantes desse processo são abstrações sobre a própria experiência acumulada com a linguagem.

No entanto, Bybee (2008, p. 218) ressalta para o fato de haver evidências de que o conhecimento das instâncias mais específicas da linguagem não é inteiramente perdido neste processo de abstração e, especialmente com o reforço oriundo da repetição, instâncias específicas de construções podem ter representações na memória. Nessa visão de gramática, então, a utilização da *frequência* na determinação das estruturas cognitivas tem grande importância.

Torna-se relevante destacar, portanto, a diferença entre frequência de ocorrência (*token frequency*) e frequência de tipos (*type frequency*) nos termos de Bybee (2008, p. 218):

Frequência de ocorrência conta o número de vezes que uma unidade aparece na execução de um texto. Qualquer unidade específica, como uma consoante em particular [s], uma sílaba [ba], uma palavra *dog*, uma frase *take a break*, ou até em sentença como *You know what I mean* pode ter uma frequência de ocorrência. *Frequência de tipo* é uma forma muito diferente de contagem. Somente *padrões de linguagem* tem *frequência de tipo* porque essa se refere à quantidade de itens diferentes que são representados pelo padrão. *A frequência de tipo* pode ser aplicada a *sequências fonéticas* (contagem de quantas palavras da língua inglesa começam com [sp] versus quantas palavras começam com [sf]). Isso também se aplica a *padrões morfológicos*, como, por exemplo, combinações de raiz + afixos. Por exemplo, o padrão de passado da língua inglesa exemplificado por *know, knew; blow, blew* tem uma frequência de tipos menor que o padrão regular de adição do sufixo *-ed*. (Bybee, 2008, p. 218).

Em direção oposta ao que postula a tradição formalista, portanto, nos Modelos Baseados no Uso, os modos de expressão na comunicação é que determinam a representação gramatical na mente do falante. Em outras palavras, *a arquitetura cognitiva da gramática se codifica no uso*.

2.2. O Constructicon e as Construções de Grau

O Constructicon⁴ entende construções como regras que licenciam signos linguísticos novos com base em outros signos da mesma natureza. Portanto, de acordo com essa perspectiva, os padrões construcionais são capazes de licenciar estruturas gramaticais simples ou complexas denominadas constructos (constructs), que podem ser formalmente descritas em termos de uma Matriz de Valores de Atributos ou apresentadas informalmente, em prosa (Fillmore, Goldman, Rhodes, 2012, p. 9). A anotação, no entanto, deve ser dos constructos, isto é, deve capturar as propriedades de um constructo particular em relação a uma construção particular que o licencia.

As formalizações seguem, portanto, os seguintes parâmetros: (i) as chaves { } marcam a construção e (ii) os colchetes [] marcam os elementos da construção (EC). Assim, a representação de uma construção composta por dois signos é esquematizada por: {^M [^{F1} sign₁] [^{F2} sign₂] }. Isso significa que, para cada construção, a entrada no Constructicon incluirá (Fillmore et al., 2012, p. 16-17): (i) uma fórmula no modelo apresentado acima com as designações mnemônicas das constituintes Mãe e Filhas; (ii) um nome mnemônico para a construção.

A Construção *Rate-cost-time* (Fillmore et al., 2012, p. 17), por exemplo, recebeu a seguinte formulação (do mais geral para o específico):

$$\{^M [^{F1} \text{signo}_1] [^{F2} \text{signo}_2]\}$$

$$\{\text{Rate_cost_time} [\text{Numerator } \text{signo}_1] [\text{Denominator } \text{signo}_2]\}$$

$$\{\text{Proporção_custo_por_tempo} [\text{Numerator } \text{quarenta reais}] [\text{Denominator } \text{uma hora}]\}$$

Para a configuração de um constructo, também fazem parte das convenções notacionais: (i) uma descrição informal das propriedades da constituinte Mãe; (ii) uma descrição informal das propriedades das constituintes Filhas; (iii) uma interpretação de como interagem as propriedades das Filhas de modo a produzir as características do signo resultante em termos de suas dimensões sintáticas, semânticas, pragmáticas e de conexão contextual (cf. Quadro 1).

Dentre os padrões construcionais descritos até o momento pelo Constructicon, privilegiaremos aqueles que mantêm uma proximidade com a Construção Superlativa Prefixal em foco – as Construções de Grau. A partir dessas construções, as convenções

⁴ *Constructicon* – um projeto linguístico-computacional em desenvolvimento desde 2006 sob a liderança de Charles Fillmore, Russell Lee-Goldman e Russell Rhodes (UC – Berkeley, USA). Este projeto visa reconhecer, catalogar e descrever as características semânticas e gramaticais de construções da língua inglesa usando, para isso, as ferramentas desenvolvidas pela FrameNet. O *Constructicon*, segundo seus idealizadores, deve favorecer o desenvolvimento de pedagogias da linguagem, além de auxiliar em pesquisas relacionadas com o Processamento de Linguagem Natural.

notacionais – usadas na análise – que compõem o esquema de representação de cada constructo serão explicitadas.

As *Construções de Grau*, conforme descritas por Fillmore et al. (2012) são, portanto, capazes de modificar o grau de um adjetivo escalar de várias maneiras, conforme ilustrado por Salomão (2011):

- (1) Aqui está muito quente. Aqui está quentíssimo. Aqui está quente demais.
(Modificação em uma escala)
- (2) Aqui está quente demais para ver o jogo.
(Modificação de excesso / Modal de Impossibilidade)
- (3) Aqui está tão quente que eu vou sair.
(Modificação de suficiência / Modal de Possibilidade)
- (4) Aqui está menos quente que lá fora.
(Modificação comparativa)
- (5) Aqui está tão quente quanto lá fora.
(Modificação comparativa)

Todas as construções representadas pelos exemplos acima envolvem uma *Propriedade Escalar*, expressa pelo Adjetivo e um *Valor de Referência* explícito ou implícito. Independente da estrutura argumental do Adjetivo, o *Modificador de Grau* tem sua valência própria, podendo ser zero, como no exemplo (1), ou outro argumento, como nos demais exemplos (cf. grifos) (cf. Santos, 2013, p. 61). É importante ressaltar que, embora as *Construções de Grau* possam ter como núcleo graduável também Advérbios (e mesmo Verbos, como veremos em nossa análise da Construção Superlativa Prefixal Verbal), as descrições propostas em Fillmore et al. (2012) se limitam à escala promovida por Adjetivos.

O constructo proposto por Fillmore et al. (2012, p. 26) para a *Construção de Modificação de Grau* é o seguinte:

$$\{ \text{Modificação de grau } [\text{Modificador de grau } \text{signo}_1]_{F1} [\text{Adjetivo } \text{signo}_2]_{F2} \}_M$$

Nome	Modificação de Grau
M	Sintagma Adjetivo que combina as valências de F1 e F2
F1	<i>Modificador de Grau</i> , que pode ter sua própria valência (<i>muito, tão ... quanto</i>)
F2	Adjetivo, com sua própria valência, sem modificação de grau
Interpretação	Estabelece-se o <i>Valor em uma Escala</i> com relação a um <i>Valor de Referência</i> , que pode ser explicitado pelo <i>Modificador de Grau</i> .

Quadro 1: Constructo 1 – descrição informal da Construção de Modificação de Grau

Conforme observamos no Quadro 1, a Construção-Mãe é um Sintagma Adjetival estruturado internamente pelas duas Filhas (F1 e F2): o Modificador de Grau (que é o Elemento Evocador da Construção) com sua valência F1 e o Adjetivo/Advérbio (F2). A primeira Filha (F1) é representada por uma classe de palavras com valência própria (*muito, pouco, mais...que, tão...como, tanto...quanto, menos...que*), já a segunda Filha (F2) é um Adjetivo sem modificação de grau e que também pode possuir complemento ou valência própria. As valências de F1 e F2 são combinadas para formar a valência da Construção-Mãe. A função de F1 é modificar o grau da propriedade escalar expressa por F2, ao passo que o valor dessa modificação é estipulado com relação ao valor escalar do padrão de comparação (valência da Construção-Mãe). O exemplo (6) abaixo ilustra uma *Construção de Modificação de Grau em uma Escala* (cf. Santos, 2013, p. 62):

(6)

Aqui está {Modificação de Grau em uma escala [Modificador de Grau muito]_{F1} [Adjetivo quente]_{F2}}_M

2. Metodologia: a montagem do corpus

A natureza dos estudos construcionistas sugere um recorte epistemológico que confere ao uso papel fundamental na emergência da Gramática e do Léxico de uma língua. Nesse sentido, as molduras comunicativas que configuram o discurso real dos falantes nos possibilitarão apreender a natureza de seu conhecimento linguístico.

A relevância dada ao uso pelos modelos linguísticos adotados nos direciona, conseqüentemente, para uma análise baseada em corpora. O processo de busca por ocorrências da Construção Superlativa Prefixal se deu através do uso da ferramenta computacional *Web Concordancer Beta* – uma ferramenta eletrônica que permite buscar, através de uma palavra chave, a ocorrência de determinada construção no meio digital. Para tanto, utiliza-se o site Bing como base de busca. O site Bing é semelhante ao Google e, por isso, possibilita um acesso a uma grande diversidade de sites, como: blogs, jornais e revistas eletrônicos, sites de compra, redes de relacionamento, etc. Ressalta-se que o trabalho de limpeza do corpus específico montado não é facilitado por essa ferramenta. Faz-se necessário, ainda, realizar uma limpeza manual dos dados coletados a fim de excluir ocorrências repetidas, por exemplo.

A busca realizada no *Web Concordancer Beta*, tendo como palavras-chave os prefixos *super-*, *maxi-*, *ultra-*, *hiper-*, *mega-*, *mini-*, *micro-*, resultou em 1.628 ocorrências da Construção Superlativa Prefixal, assim distribuídas, em termos de porcentagem, entre os subpadrões:

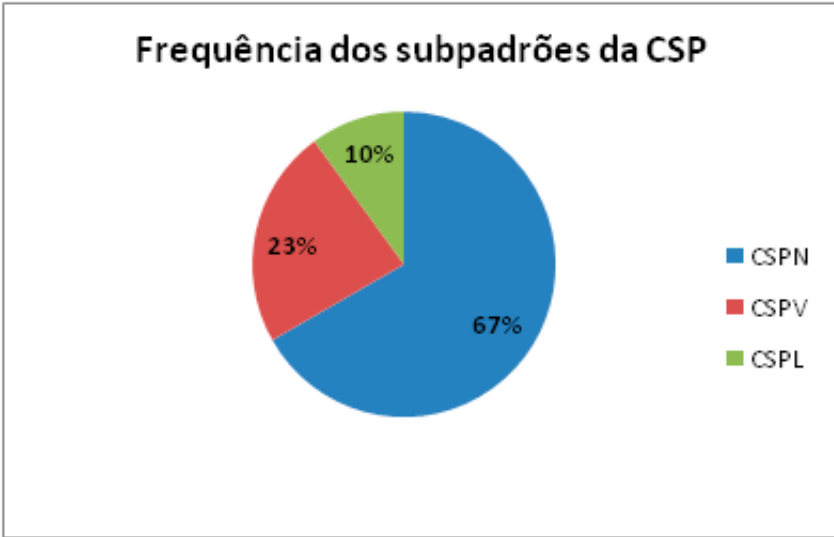


Gráfico 1: Frequência dos subpadrões da CSP

4. A Construção Superlativa Prefixal: o polo formal

Nos termos da Gramática das Construções e, mais especificamente, dos modelos oferecidos pelo Constructicon, podemos formalizar o processo mórfico mais genérico de modificação de grau do Português – em que os afixos funcionam como modificadores de grau – nos seguintes termos:

$$\{ \text{Modificação Mórfica de Grau } [\text{Escopo } \text{signo}_1]_{F1} [\text{Modificador de grau } \text{signo}_2]_{F2} \}_M$$

Nome	Construção Mórfica de Modificação de Grau
M	Sintagma X que combina as valências de F1 e F2
F1	Escopo: Núcleo graduável sem modificação de grau
F2	Modificador de grau: morfema de grau (afixos)
Interpretação	Um Valor em uma Escala é estabelecido com relação a um Valor de Referência que é especificado pelo Modificador de Grau particular

Quadro 2: Constructo 2 – descrição informal da Construção Mórfica de Modificação de Grau

A configuração do Constructo 2 é uma descrição da Construção Mórfica de Modificação de Grau (CMMG), proposta em uma linguagem que Fillmore et al. (2012) consideram como uma “formalização em prosa”. Assim, conforme observamos (cf. Quadro 2), a Construção-Mãe é um Sintagma variável estruturado internamente pelas duas Filhas (F1 e F2): o Escopo (F1), que é o núcleo graduável sem modificação

de grau e o Modificador de Grau (que é o Elemento Evocador da Construção (EEC)) com sua valência F2. A primeira Filha (F1) é representada por uma classe de palavras com valência própria (substantivos, adjetivos; (alguns) advérbios e (alguns) verbos), já a segunda Filha (F2) é um afixo (prefixo ou sufixo) modificador de grau (*super-*, *hiper-*, *-íssimo*, *-ésimo*, *-ão*, dentre outros). Cada um destes elementos que integra o constructo é um Elemento Construcional (EC). As valências de F1 e F2 são combinadas para formar a valência da Construção-Mãe. A função de F2 é modificar o grau da propriedade escalar expressa por F1, ao passo que o valor dessa modificação é estipulado com relação ao valor escalar do padrão de comparação (valência da Construção-Mãe).

De acordo com a proposta no Constructicon, temos as seguintes anotações das instâncias (exemplos de 7 a 10)⁵ da Construção Mórfica de Modificação de Grau (os Elementos Construcionais se delimitam por colchetes; a construção, por chaves):

(7) Maria comprou uma $\{[super^{Modificador\ de\ grau/Prefixo}]_{F2} [televisão^{Escopo/Sub}]_{F1}\}_{CMMG}$ para sua casa.

(8) Maria estava $\{[hiper^{Modificador\ de\ Grau/Prefixo}]_{F2} [feliz^{Escopo/Adj}]_{F1}\}_{CMMG}$ em seu aniversário.

(9) Maria voltou $\{[cansad^{Escopo/Adj}]_{F1} [-íssima^{Modificador\ de\ Grau/Sufixo}]_{F2}\}_{CMMG}$ de sua festa.

(10) Maria $\{[super^{Modificador\ de\ Grau/Prefixo}] [gostou^{Escopo/Verbo}]\}_{CMMG}$ do carro que ganhou.

Considerando o recorte investigativo da pesquisa - construções em nível morfológico, formadas apenas por *prefixos* com *valor escalar superlativo*, temos a *Construção Superlativa Prefixal* (CSP), que pode ser tomada como um subpadrão do Constructo 2 - a Construção Mórfica de Modificação de Grau. Partindo da categoria sintática do EC Escopo, Carrara (2015) propõe três subpadrões mais específicos para a CSP:

(i) Construção Superlativa Prefixal Nominal (CSPN) - EC Escopo: substantivo e adjetivo.

(ii) Construção Superlativa Prefixal Verbal (CSPV) - EC Escopo: verbo.

(iii) Construção Superlativa Prefixal Livre (CSPL) - EC Escopo: Instanciação Nula.

Neste artigo, o *polo formal* dos três subpadrões é o que está em foco, não havendo discussões amplas, portanto, a respeito dos processos semântico-pragmáticos inerentes à construção. Cabe ressaltar também o caráter introdutório desta apresentação, não havendo, mediante a extensão do trabalho aqui proposto, uma discussão aprofundada em torno do polo formal da construção.

(i) A Construção Superlativa Prefixal Nominal

⁵ Exemplos inventados.

De modo geral, instâncias de expressões que nomeamos *Construções Superlativas Prefixais Nominais* (CSPN) já foram, graças a seu alto grau de convencionalização, parcialmente descritas pela tradição gramatical. Por conseguinte, sabe-se que são fundamentalmente constituídas a partir da integração e/ou fusão sintética, do que estamos nomeando como um *Escopo/Núcleo Graduável* (Adjetivo e Substantivo) e de um *Modificador de Grau* (prefixos), como buscamos formalizar a seguir:

{Construção Superlativa Prefixal Nominal [Escoposigno 1]_{F1} [Modificador de Grausigno 2]_{F2}}_M

Nome	Construção Superlativa Prefixal Nominal
M	Sintagma X: N/ Adj com valência combinadas de F1 e F2
F1	Escopo: núcleo nominal sem modificação de grau
F2	Modificador de grau: morfema de grau (prefixo)
Interpretação	A Modificação de Grau promovida por F2 estabelece um valor de escalar para F1 de modo a evocar o frame de Posição_superlativa_em_uma_escala

Quadro 3: Constructo 3 - descrição informal da Construção Superlativa Prefixal Nominal

Na configuração do Constructo 3, temos a Construção-Mãe que é um Sintagma Nominal formado pela valência combinada de F1 e F2. O *slot* equivalente ao Elemento Construcional (EC) Modificador de Grau (F2) pode ser preenchido pelos seguintes prefixos: *super-*, *hiper-*, *ultra-*, *mega-*, *maxi-*, *mini-*, *micro-*. Quanto ao EC Escopo (F1), temos Substantivo e Adjetivo.

Os seguintes exemplos⁶ ilustram a CSPN:

(11) (...) modelos da Alessa entram com o cabelo $\{[hiper^{Modificador\ de\ Grau/Prefixo}]_{F2} [volumoso^{Escopo/Adj}]_{F1}\}_{CSPN}$ no Fashion Rio. Será tendência?

(12) Os $\{[ultra^{Modificador\ de\ Grau/Prefixo}]_{F2} [maratonistas^{Escopo/Sub}]_{F1}\}_{CSPN}$ Gerson e Vieira, que estão treinando para o revezamento da Ultramarathon BR 135 - 217 km, foram de Juiz de Fora a Santos Dumont (...)

(13) (...) mulher em todas as estações gosta de acessórios $\{[mega^{Modificador\ de\ Grau/Prefixo}]_{F2} [refinados^{Escopo/Adj}]_{F1}\}_{CSPN}$.

(14) Para aqueles que acham esses carros japoneses novidades ... pois bem o $\{[super^{Modificador\ de\ Grau/Prefixo}]_{F2} [carro^{Escopo/Sub}]_{F1}\}_{CSPN}$ que se cometa na verdade é o Veloster.

(15) Aparecendo cada vez maiores, os $\{[maxi^{Modificador\ de\ Grau/Prefixo}]_{F2} [acessórios^{Escopo/Sub}]_{F1}\}_{CSPN}$ estão com tudo! Não só dão um up em qualquer look mais basiquinho...

(16) Ninguém usa um blaser como ela, ninguém fica tão bem de $\{[micro^{Modificador\ de\ Grau/Prefixo}]_{F2} [blaser^{Escopo/Sub}]_{F1}\}_{CSPN}$.

⁶ Exemplos extraídos do corpus específico montado para a pesquisa – usando a ferramenta Web Concordancer Beta.

de Grau/Prefixo]_{F2} [*vestido*^{Escopo/Sub}]_{F1}}_{CSPN} (olha o trocadilho...) como ela!

(17) Conheça os melhores {[*mini*^{Modificador de Grau/Prefixo}]_{F2} [*celulares*^{Escopo/Sub}]_{F1}}_{CSPN}, onde comprar mini celulares pelo menor preço e como usá-los.

(i) A Construção Superlativa Prefixal Verbal

Como sabemos, ao contrário do que postulam as Gramáticas Tradicionais, nas quais os verbos só podem ter intensidade marcada lexicalmente (*Eu gostei muito da sua blusa* ou *Eu gostei demais da sua blusa*), nosso corpus apontou para usos tanto convencionalizados como recentes dos prefixos superlativos junto a verbos, o que somou 379 ocorrências.

Buscamos formalizar, com base no Constructicon, a Construção Superlativa Prefixal Verbal, nos seguintes termos:

{Construção Superlativa Prefixal Verbal [signo 1Escopo]_{F1} [signo 2Modificador de Grau]_{F2}]_M

Nome	Construção Superlativa Prefixal Verbal
M	Sintagma verbal com valência combinada de F1 e F2
F1	Escopo: núcleo verbal sem modificação de grau
F2	Modificador de grau: morfema de grau (prefixo)
Interpretação	A Modificação de Grau promovida por F2 estabelece um valor escalar para F1 de modo a evocar o frame de Posição_máxim_em_uma_escala

Quadro 4: Constructo 4 - descrição informal da Construção Superlativa Prefixal Verbal

A configuração do Constructo 4 é uma descrição da Construção Superlativa Prefixal Verbal (CSPV) em que, conforme observamos (cf. Quadro 4), a Construção-Mãe é um Sintagma Verbal estruturado internamente pelas duas Filhas (F1 e F2): o Escopo (F1), que é o núcleo verbal sem modificação de grau e o Modificador de Grau (que é o Elemento Evocador da Construção) com sua valência F2. A primeira Filha (F1) é representada por verbos; já a segunda Filha (F2) é um prefixo. As valências de F1 e F2 são combinadas para formar a valência da Construção-Mãe. A função de F2 é estabelecer um valor escalar para F1 de modo a evocar o *frame* Posição_máxima_em_uma_escala.

Os exemplos de 18 a 20 são ocorrências da CSPV⁷:

(18) Oooi meninas! O esmalte de hoje é uma combinação que eu {[*super*^{Modificador de Grau/Prefixo}]_{F2} [*amei*^{Escopo/Verbo}]_{F1}}_{CSPV}! Primeiro eu usei o 205 da Hits, se não me engano passei 2 camadinhas e não usei extra brilho...

⁷ Exemplos extraídos do corpus específico montado para a pesquisa – usando a ferramenta Web Concordancer Beta.

(19) Ah, ficou linda Marina! Gente que dica bapho... adorei o vídeo, chorei de rir e $\{[mega^{Modificador\ de\ Grau/Prefixo}]_{F2} [quis^{Escopo/Verbo}]_{F1}\}_{CSPV}$ testar em casa...kkk Muito legal... porque bom humor é tuuuuudo nessa vida né?!rs

(20) $\{[Ultra^{Modificador\ de\ Grau/Prefixo}]_{F2} [gostei^{Escopo/Verbo}]_{F1}\}_{CSPV}$!. É pequeno o download e ainda é bem util. Otmoooo!!!

(iii)A Construção Superlativa Prefixal Livre

Considerar prefixos como formas livres não é novidade entre os gramáticos e estudiosos da área. Bechara (2004, p. 338) afirma que, por aparecerem como formas livres, os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado; ou seja, “ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos tem mais força significativa; podem aparecer como formas livres e não servem, como os sufixos, para determinar uma nova categoria gramatical”.

Essa abordagem é confirmada em nosso *corpus* uma vez que, de um total de 1.628 ocorrências, 163 são da Construção Superlativa Prefixal Livre (CSPL), ou seja, 11% do total.

O Quadro abaixo propõe a formalização da CSPL:

$\{Construção\ Superlativa\ Prefixal\ Livre\ [signo\ 1Escopo]_{F1}\ [signo\ 2Modificador\ de\ Grau]_{F2}\}_M$

Nome	Construção Superlativa Prefixal Livre
M	Sintagma X com valência combinada de F1 e F2
F1	Escopo: não lexicalizado
F2	Modificador de grau: morfema de grau (prefixo)
Interpretação	A Modificação de Grau promovida por F2 estabelece um valor escalar para F1 de modo a evocar o frame de Posição_máxima_em_uma_escala

Quadro 5: Constructo 5 – descrição informal da Construção Superlativa Prefixal Livre

A configuração do Constructo 5 é uma descrição da Construção Superlativa Prefixal Livre (CSPL) em que, conforme observamos (cf. Quadro 5), a Construção-Mãe é um sintagma estruturado internamente pelas duas Filhas (F1 e F2): o Escopo (F1), não lexicalizado e o Modificador de Grau (que é o Elemento Evocador da Construção) com sua valência F2. A primeira Filha (F1) é uma instanciação nula, já que o *slot* não é preenchido; já a segunda Filha (F2) é um prefixo (*super-*, *hiper-*, *ultra-*, *mega-*, *mini-*, *micro-*, *maxi-*). As valências de F1 e F2 são combinadas para formar a valência da Construção-Mãe. A função de F2 é estabelecer um valor escalar para F1 de modo a evocar o *frame* Posição_máxima_em_uma_escala.

São exemplos do tipo:

(21) A gente tem um convidado para hoje. Meu $\{\{super, hiper\}^{Modificador\ de\ Grau/Prefixo}\}_{F1}\}_{CSP\!L}$ sei lá, o quê... - O cara é foda. Nando Reis. Quero chamar ele pra tocar uma música com a gente.

(22) Mano! - Raios, delicioso chocolate coberto de passas. - Maldição. Devia ter comprado o $\{\{mega\}^{Modificador\ de\ Grau/Prefixo}\}_{F2}\}_{CSP\!L}$ $\{\{Instanciação\ Nula^{Escopo}\}_{F1}\}_{CSP\!L}$

(23) Sejam bem-vindas! Neste blog, você encontrará dicas de maquiagem, moda, unhas, ou seja, tudo que poderá ajudar você MULHER, a se tornar $\{\{ULTRA\}^{Modificador\ de\ Grau/Prefixo}\}_{F2}\}_{CSP\!L}$ $\{\{Instanciação\ Nula^{Escopo}\}_{F1}\}_{CSP\!L}$!

(24) Eu concordo com eles com relação ao Neon e ao Bib! muito exagerados! prefiro uns $\{\{maxi\}^{Modificador\ de\ Grau/Prefixo}\}_{F2}\}_{CSP\!L}$ $\{\{Instanciação\ Nula^{Escopo}\}_{F1}\}_{CSP\!L}$ mais discretos.

(25) ... com renda é nobre, com as costas nuas, muito sexy, rodado é tão feminino... Acho lindo o movimento que faz quando ao caminhar os babados se movem, e claro, o $\{\{micro\}^{Modificador\ de\ Grau/Prefixo}\}_{F2}\}_{CSP\!L}$ $\{\{Instanciação\ Nula^{Escopo}\}_{F1}\}_{CSP\!L}$! Ah, uma boa joia e um bom perfume fecham o look!

5. Considerações Finais

Este artigo objetivou apresentar a Construção Superlativa Prefixal formada pelos prefixos (*super-*, *maxi-*, *ultra-*, *hiper-*, *mega-*, *mini-*, *micro-*), que consiste em um objeto de pesquisa inserido no projeto ‘Construções Superlativas Morfológicas do Português’ (Miranda, 2011) e que resultará em tese de doutorado (Carrara, 2015). Desse modo, após comprovada a produtividade da Construção mediante o número de ocorrências que configuram o corpus montado (1.628 ocorrências), a análise manteve seu foco no polo formal da construção, utilizando os modelos do Constructicon (Fillmore et al. 2012) para essa descrição e chegando às seguintes assertivas:

- (i) Trata-se de uma Construção vinculada à Construção Mórfica de Modificação de Grau e cujo constructo se desenha pela presença de dois Elementos Construcionais (EC) – um EC Escopo ou núcleo graduável e um EC Modificador de Grau, que são os prefixos;
- (ii) A categoria sintática do EC Escopo determina os subpadrões da Construção: a Construção Superlativa Prefixal Nominal (EC Escopo: substantivo e adjetivo); a Construção Superlativa Prefixal Verbal (EC Escopo: verbo) e a Construção Superlativa Prefixal Livre (EC Escopo: Instanciação Nula).

Em termos teóricos, a relevância do trabalho encontra-se na tentativa de sustentar, empiricamente, articulações entre a Morfologia Derivacional e a Gramática das Construções Cognitiva (Goldberg, 1995, 2006).

Referências

- BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.
- BYBEE, J. *Morphology – a study of the relation between meaning and form*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.
- _____. *From usage to grammar: the mind's response to repetition*. Language, 2006.
- _____. Usage-based grammar and second language acquisition. In: Robinson, P.; Ellis, N (eds). *Handbook of Cognitive Linguistics and Second Language Acquisition*, p. 216-236. New York and London: Routledge, 2008.
- _____. Usage-based perspective on language. In: Bybee, J. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge University Press, 2010.
- CARRARA, A. C. F. *A construção superlativa prefixal – uma abordagem construcionista da morfologia derivacional*. Tese de Doutorado em andamento. Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2015.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- FILLMORE, C. J.; LEE-GOLDMAN, R. R.; RHODES, R. The FrameNet Construction. In: Boas, H. Sag, I. (eds.). *Sign-Based Construction Grammar*. Stanford: CSLI Publications, 2012.
- GOLDBERG, A. *Construction: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- _____. *Constructions at Work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- LANGACKER, R. *Foundations of cognitive Grammar*, vol. 1. Stanford: Stanford University of Chicago Press, 1987.
- LIPOVETSKY, G. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- MIRANDA, N. S. *Construções Superlativas Morfológicas do Português*. Projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Linguística; GP “Gramática e Cognição”, CNPq, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.
- SALOMÃO, M. M. *Tópicos Avançados em Gramática das Construções*. Anotações de Aula. Universidade Federal de Juiz de Fora: 2011.

SANTOS, R. E. *Forte que nem touro, alto que nem torre, livre que nem passarinho* – a configuração de uma construção hiperbólica do Português. Tese de Doutorado, 2012. Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

WEB CONCORDANCER BETA. *Web Concordancer Beta*. Disponível em: <<http://webascorp.us.org/searchwac.html>> Acesso: novembro de 2011 a março de 2012.